

2 Vida e obra se confundem

Neste capítulo buscaremos revisitar a vida de Ferreira de Castro, desde a sua infância em Portugal, passando pelos anos vividos como imigrante no Brasil, até o momento em que deixa o nosso país para tentar a carreira jornalística em sua terra natal. Para tanto, faz-se necessário percorrer traços e indícios deixados pelo autor, o que só é possível através da leitura de múltiplas textualidades. Neste percurso, utilizaremos parâmetros da crítica biográfica contemporânea, que percebe o escritor a partir de sua obra ficcional, mas sem abrir mão de questões extra-literárias, tais como: o seu percurso, cenas corriqueiras, vestígios e uma gama de possibilidades que ajudem a remontar a trajetória do indivíduo canônico.

Eneida Maria de Souza, em seu livro *Crítica Cult* (2007), destaca a importância da crítica biográfica propensa a uma abertura textual, dialogando, assim, com a crítica cultural:

O fascínio que envolve a invenção de biografias literárias se justifica pela natureza criativa dos procedimentos analíticos, em especial, a articulação obra e vida, tornando infinito o exercício ficcional do texto da literatura, graças à abertura de portas que o transcendem. A crítica biográfica, ao escolher tanto a produção ficcional quanto a documental do autor – correspondência, depoimentos, ensaios, crítica – desloca o lugar exclusivo da literatura como *corpus* de análise e expande o feixe de relações culturais. Os limites provocados pela leitura de natureza textual, cujo foco se reduz à matéria literária e à sua especificidade, são equacionados em favor do exercício de ficcionalização da crítica, no qual o próprio sujeito teórico se inscreve como ator no discurso e personagem de uma narrativa em construção.¹

Nesta dissertação, temos como principais objetivos perceber como, a partir da leitura da obra, podemos visualizar um homem movido pelas forças de seu tempo, além de conhecer a sua vida com mais detalhes, mediante a complexa relação entre nome próprio, autoria e relato. Como afirma Leonor Arfuch:

¹ SOUZA, Eneida Maria. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007, p.105.

Relação de descoincidência, distância irredutível que vai do relato ao acontecimento vivencial, mas, simultaneamente, uma comprovação radical e em certo sentido paradoxal: o *tempo se torna humano na medida em que é articulado sobre um modo narrativo*. Falar do relato, então, nessa perspectiva, refere-se apenas a uma disposição de eventos – históricos ou ficcionais –, numa ordem seqüencial, um exercício mimético do que seria essencialmente o registro da ação humana, com suas lógicas, personagens e alternativas, sendo *a melhor forma de estruturação da vida*.²

Devido à intercambiável relação entre diferentes instâncias biográficas ligadas ao escritor, podemos lançar mão das inúmeras e possíveis intersecções entre a obra ficcional e a vida de Ferreira de Castro. Além disso, há também a vida dos outros – os excluídos, marginalizados ou simplesmente utilizados pela engrenagem sistêmica capitalista – que o escritor deseja recriar, dando-lhes a oportunidade de se expressarem em meio ao silêncio entorpecedor a que eram subjugados pela falta de perspectivas, pela crueldade de outros homens e por estarem imersos nessa ordem estabelecida e difícil de modificar.

O percurso de Ferreira de Castro apresenta-se como uma história de coragem e determinação. Eugênio Lisboa, em seu ensaio “A Selva: no coração das trevas”, afirma que “o autor de *Emigrantes* encontrou dentro de si próprio [...] uma coragem que lhe permitiu viver e escrever apesar do trauma suntuoso que, esse sim, ficou a dever à sua experiência na selva amazônica”³.

A recomposição da trajetória juvenil de Ferreira de Castro, aqui proposta, pode ser encarada como a história de um garoto que sonhava em ser escritor, porém, devido à sua origem humilde, não conclui os estudos básicos. Sem condições de adquirir livros que lhe permitissem o contato com as letras e o

² ARFUCH, Leonor. La Vida Como Narración. In: *Revista Palavra*, n.10. Rio de Janeiro: Editora Trarepa, 2003, p. 45, (tradução nossa): “Relación de incoincidencia, distancia irreductible que va del relato al acontecimiento vivencial, pero, simultáneamente, una comprobación radical y en cierto sentido paradójica: *el tiempo mismo se torna humano en la medida en que es articulado sobre un modo narrativo*. Hablar del relato entonces, desde esta perspectiva, no remite solamente a una disposición de acontecimientos – históricos o ficcionales –, en una orden secuencial, a una ejercitación mimética de aquello que constituiría primariamente el registro de la acción humana, com sus lógicas, personajes y alternativas, sino a *la forma por excelência de estructuración de la vida*”.

³ LISBOA, Eugênio. “A Selva: no coração das trevas”. In. *Actas do Congresso Internacional dos 75 anos de A Selva*. Ossela, 2007, p.79.

desenvolvimento de suas habilidades, ele se depara com um “grande mestre [...] a própria vida, a experiência da emigração, da miséria, do sofrimento”⁴.

2.1 Infância em Portugal

Maria Helena Werneck, em seu livro *O Homem Encadernado* (1996), realiza um estudo das biografias de Machado de Assis e, portanto, das diferentes vozes assumidas, em diferentes épocas, para retratar o bruxo do Cosme Velho. Em dado momento, a autora analisa o historicismo do século XIX e as implicações redutoras a que a crítica biográfica estava sujeita:

As prescrições metodológicas historicistas, cada vez mais restritivas, passaram a exigir a existência do documento escrito, a cobrar a necessidade de provas para cada afirmativa, privilegiando fatos que continham evidências claras e finalidades palpáveis, em detrimento do não-dito, da intenção que não fora expressa de alguma forma. Uma das decorrências imediatas dos critérios documentais do historicismo consistiu em pôr de lado a investigação da infância e desqualificar a apreensão da vida interior como tarefas da biografia.⁵

Esta dissertação, que pretende estar em consonância com a crítica biográfica contemporânea, não descartará a visão da infância e muito menos a possibilidade de especular sobre a vida interior de Ferreira de Castro, por mais difícil que pareça a sua apreensão. Justamente por ser impossível a comprovação de todos os fatos é que não pretendemos chegar a uma verdade biográfica definitiva, mas construir um breve relato biográfico que procura compreender a vida do autor a partir de suas obras, explorando os interstícios entre o real e a ficção. Ainda para Werneck, “quando não se quer descobrir onde está a verdade mais genuína sobre a vida particular e a produção intelectual do escritor, o que

⁴ RODRIGUES, Urbano Tavares. “A Obra de Ferreira de Castro e o Neo-Realismo Literário em Portugal”. In: *Vária Escrita*, nº 3, Sintra, 1996, p. 85.

⁵ WERNECK, Maria Helena. *O Homem Encadernado*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996, p.44.

passa a mover o interesse do leitor de biografias são as variadas maneiras de interpretar e representar...”⁶.

Diante dessas constatações, torna-se inevitável tangenciar a biografia romanceada. Por mais que se deseje estar à distância, sabe-se que a entidade do biógrafo não é passiva e muito menos neutra, de modo que há uma relação de interdependência entre biografado e biógrafo, a começar pela seleção dos fatos, escolha que não é do biografado. No entanto, lançamos mão desse exercício crítico-ficcional para perceber como as marcas deixadas na poeira do tempo, impressas em inúmeras inscrições, construíram o autor Ferreira de Castro.

José Maria Ferreira de Castro nasceu a 24 de Maio de 1898, numa família muito pobre do interior de Portugal, mais precisamente na Vila de Salgueiros da freguesia de Ossela, pertencente ao concelho de Oliveira de Azeméis, distrito de Aveiro. Filho de José Eustáquio Ferreira de Castro e Maria Rosa Soares de Castro, ambos camponeses e caseiros da família Gomes Barbosa, a quem pertencia a casa onde moravam. Ferreira de Castro era o mais velho de quatro irmãos.

Anos depois de sua passagem pelo Brasil como imigrante, o autor descreveu sua terra natal de forma peculiarmente apaixonada:

A distância sublima a aldeia: anula os seus defeitos, agiganta e doira as suas virtudes. A nostalgia que me torturou durante os nove anos de emigração, sem o conforto de saber se poderia jamais voltar, foi, dos muitos outros sofrimentos que suportei no espírito, um dos dois mais cruéis de toda a minha vida.

Para mim, a aldeia em que nasci não é apenas a infância que nela me decorreu, incompreendida e triste, é também a poesia que já então lhe captava, a poesia que ela tinha, mais tarde inflamada por aquela de que eu mesmo a impregnei. Poesia que tantas vezes me retira a lembrança dos dias infantis, para recordar apenas o encanto da Natureza, que eu não conseguia evocar, lá longe, nas ardentes paragens do exílio, sem fervor e sem desespero.⁷

Para Ferreira de Castro, os quatro primeiros anos de sua vida não lhe traziam quaisquer memórias. Quando morava em Ossela, seu desejo mais íntimo

⁶ Idem, p. 24.

⁷ CASTRO, Ferreira. “A aldeia nativa”, In. *Os Fragmentos*. Lisboa: Ed. Guimarães & C.ª, 1974, p. 45-46.

era o de fugir das garras dos pais, principalmente da mãe que o maltratava, daí a infância “incompreendida e triste”. É justamente um desses episódios que, segundo ele, marca o início de suas lembranças:

Eu nasci a 24 de Maio de 1898. Mas, quando penso na minha idade, sinto-me sempre mais novo, sinto-me sempre beneficiado por quatro anos a menos. São quatro anos iguais a uma noite escuríssima, onde não é possível acender luz alguma. Não os viveu o meu espírito. Não estão na minha memória. Não me pertencem. Para a minha realidade espiritual eu tenho 28 anos. É que em 1902 que começo a povoar o museu da minha vida, a decorar a galeria das minhas recordações. Foi numa tarde de sol – tarde de luz forte que eu vejo ainda – que dei início ao longo da casa onde nasci. A diabrura que pratiquei, desvaneceu-se no esquecimento, mas lembro-me, sim, que minha mãe, saindo do quinteiro e agarrando-me por um braço, castigou-me. Passava na estrada, enxada ao ombro, um homem alto, bigodes retorcidos festonando as faces trigueiras. Deteve-se, sorriu e disse:

- “Assim é que é, senhora Mariquinhas! Nessa idade é que eles se ensinam”. Odiei aquele homem. Por que, em vez de me proteger com a sua força, ele estimulava minha mãe a castigar-me ainda mais? Por que era ele tão mau e por que sorria vendo-me sofrer, se eu nunca lhe tinha feito mal?

É esta a minha recordação. E foram de ódio e de sofrimento as primeiras sensações que a vida me deu. Eu tinha quatro anos e meio.⁸

Talvez por ter-se deparado tão cedo com o sofrimento, fixando essa lembrança de ódio, é que o seu “trauma” vivido na selva se transformará numa doação de si a temáticas humanitárias que nasceram “não de um optimismo relativamente aos homens, ao mundo que os rodeia e ao futuro que os espera, mas de uma profunda compaixão pela fragilidade e vulnerabilidade que lhes é inerente e de que ele teve a revelação brutal, no mergulho que fez”⁹.

A casa em que o escritor nasceu data de meados do século XIX, possuindo traçado rural e divisão em dois pisos. Como foi transformada em Museu, a pedido do escritor, o ambiente da sua infância é reproduzido: no primeiro piso há uma adega com utensílios agrícolas da época, como barris e lagar; o segundo possui quatro cômodos: cozinha, sala e os quartos do autor e de sua mãe. Na cozinha há um armário para guardar louças, panelas de barro ao chão, panelas penduradas em pregos na parede, bules, caçarolas, dentre outros utensílios domésticos, e a lareira. Da cozinha, Ferreira de Castro admirava a natureza selvagem de seu quintal,

⁸ CASTRO, Ferreira. <<http://www.apnlifc.pt/fc.htm>>. Acesso em: 10/12/2009.

⁹ LISBOA, op. cit., p.86.

composto por grandes árvores e flores, rosas, hortênsias e lírios. No seu quarto ainda pode-se ver um relógio de bolso pendurado à cabeceira da cama de ferro com a tinta azul descascada, mostrando a ferrugem imposta pelo tempo, o colchão de palha de centeio e a mala e os sapatos utilizados na volta ao mundo que realizou em 1939. Os móveis são antigos e feitos de madeira. Na sala há uma escrivaninha com notas do autor sobre o futuro incerto, como também o dicionário de capa vermelha que trouxe para o Brasil e o ajudou na criação de seus romances juvenis¹⁰.

Ainda criança, Ferreira de Castro frequentava os bancos da escola primária de Ossela, sob o comando do professor Alfredo Francisco Portela. Esses poucos anos de estudos lhe propiciaram a única instrução formal que possuía.

Na infância já demonstrava uma sensibilidade rara que o tornava solitário: “Eu era bom aluno. Tinha, porém uma existência triste e afastava-me quase sempre dos meus discípulos. Certos episódios, que os deixavam indiferentes, faziam-me sofrer o dia inteiro, sobretudo na solidão que eu buscava”¹¹.

Quais seriam esses episódios que o deixavam triste? É difícil recompô-los, pois eles não foram relatados pelo escritor. Mas por que o menino já buscava a solidão?

Neste momento, cabe ressaltar a diferença entre duas instâncias referenciais ligadas à entidade do autor¹², e o fazemos recuperando as diferenças apresentadas por Michel Foucault em seu ensaio *O que é um autor?*(2002): uma seria o nome próprio e outra o nome de autor. Ambos os nomes são semelhantes, possuem funções que vão além do ato indicador e, por isso, são equivalentes a descrições. No entanto, o nome de autor é muito mais complexo, porque engloba uma série de significações que remetem menos ao nome próprio do que a uma cadeia textual veiculada sob a égide da personalidade. Para Foucault “um nome de autor não é simplesmente um elemento de um discurso [...] ele exerce

¹⁰ Descrição feita a partir da visualização das imagens disponíveis na internet, no site da Casa-Museu Ferreira de Castro: <http://www.aveiro-norte.ua.pt/ferreiradecastro/index.asp>, acesso em 06/12/2009.

¹¹ CASTRO. “Memórias”. In: *Vários estudos sobre Ferreira de Castro e a sua obra*. Porto: Ed. Liv. Civilização, 1938. Apud BRASIL, Jaime. 1961, p.13.

¹² Cf. FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Lisboa: Ed. Passagens, 2002, p. 42.

relativamente aos discursos um certo papel: assegura uma função classificativa; um tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, seleccioná-los, opô-los...”¹³. Dessa forma, o nome de autor vai além do nome próprio, sendo o esqueleto que sustenta e mantém uma linha relacional em um *corpus* textual, dando-lhe uma significação para além da instância primeira do nome próprio. E ainda:

[S]erve para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, ter um nome de autor, o facto de se poder dizer “isto foi escrito por fulano” ou “tal indivíduo é o autor”, indica que esse discurso não é um discurso quotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto.¹⁴

Quando Ferreira de Castro descreve o comportamento do menino José Maria, ele se refere a um momento de sua vida em que o nome próprio prevalecia. Entretanto, não é possível termos acesso àquele momento a não ser por meio de um texto escrito pelo autor Ferreira de Castro. A partir disso, podemos depreender que a figura do autor já está presente, talvez não no momento cronológico em si, mas na sua recomposição textual. Deduzir os fatos que deixavam a criança irritada a ponto de se afastar de seus colegas pode ser uma opção para reconstruir o momento, embora para isto tenhamos que recorrer à imaginação e assumir o estatuto do ficcional. Assim, é possível que ele sofresse e se afastasse dos outros devido ao assassinato de um passarinho; ou, quem sabe, haviam atirado uma pedra na vidraça da senhora da esquina e, por isso, levaram algumas palmatoadas dos pais; ou puseram um sapo na cadeira do professor Portela e ficaram de castigo. Diversas ações praticadas por crianças em qualquer parte do mundo poderiam ser listadas aqui, entretanto, elas nos afastariam do que se espera de um texto crítico.

Tomando como verdade a solidão experimentada pelo menino, podemos observar dois traços cruciais para a constituição do futuro autor. Primeiro, um individualismo marcado pela sua existência triste; podemos especular que essa tristeza talvez fosse decorrente da situação de pobreza, da falta de afeto e de

¹³ Idem, p. 44.

¹⁴ Idem, p.45.

muitas outras coisas que José Maria percebia e fixava, levando-as para as suas reflexões infantis. Segundo, mas não menos importante, a solidão que ele *buscava*; o garoto sentia a necessidade de se afastar de seus colegas, sentindo-se incompreendido por eles. Demonstrava, assim, uma personalidade forte, certa independência de posicionamento e, ao mesmo tempo, uma sensibilidade manifesta. Características que no decorrer da trajetória do autor se afunilaram e permitiram a sua constituição, tendo por base experiências, leituras e, principalmente, reflexões.

Nessa mesma época, o futuro escritor, com apenas dez anos de idade, vê passar pelo largo uma moça chamada Margarida que, com os seus dezessete ou dezoito anos, desperta no rapaz os desejos do amor. Este fato é importante porque serviu de estímulo à emigração para o Brasil. A pobreza em que vivia o menino fora agravada pela morte de seu pai, ocorrida em 1906. Tais pormenores são importantes para as nossas análises, porque, como afirma Michel Foucault, todos os rastros que o autor deixou fazem parte de sua obra¹⁵.

Souza, em livro citado acima, ao analisar as mudanças ocorridas na crítica literária das últimas décadas, enxerga como algo positivo os estudos acadêmicos que não se atém apenas ao objeto literário e que buscam práticas, até então, consideradas “extrínsecas”¹⁶ à literatura. Para a ensaísta, uma das proposições que orientam a biografia contemporânea é a junção entre gênero romanesco e história de vida, de forma que a obra é realizada sem a atribuição de um valor maior ao registro do fato¹⁷:

Os princípios básicos da crítica biográfica resultam ainda na produção de um saber narrativo, engendrado pela junção da teoria e da ficção e pelo teor documental e simbólico do objeto de estudo. O saber narrativo, ao retirar do discurso crítico o invólucro da ciência, distingue-se do mesmo por meio de sua atitude avessa à demonstração e à especulação, ao se concentrar na permanente construção do objeto de análise e nos pequenos relatos que compõem a narrativa literária e cultural.¹⁸

¹⁵ Cf. FOUCAULT. *Idem*, p. 38.

¹⁶ SOUZA, *loc. cit.*

¹⁷ *Idem*, p.108.

¹⁸ *Ibidem*.

Um desses pequenos relatos de Ferreira de Castro foi sobre Margarida, para quem direcionou suas primeiras cartas. Em suas *Memórias* incompletas, o escritor confessou a paixão de sua infância e o desejo de que a moça o notasse:

Só um homem iria para tão longe e Margarida, decerto, atentaria nisso. Sem ela eu não teria partido! Não teria tido coragem. Morreu sem o saber, talvez, mas foi ela, foi o desejo de que não me julgasse criança, foi esse meu primeiro amor, pulcro e ingênuo, que me deram (sic) forças para afrontar o monstro fabuloso que me parecia, então, o Brasil.¹⁹

No trecho citado, Ferreira de Castro confere a Margarida o papel de estimuladora à sua emigração. Contudo, percebe-se pela atitude de José Maria uma ingenuidade quase infantil, ao acreditar que indo para tão longe logo voltaria a encontrar-se com a moça, de braços abertos a recebê-lo, chamando-o de “meu herói”. Ingenuidade decorrente da pouca idade e agravada pelo desprezo da moça:

Eu sofria com esse desdém e desesperava-me por ainda não ser homem. Ser homem! Até aos 20 anos foi essa uma das minhas maiores aspirações. Crescer, ter barba, para que me dessem a consideração de que me julgava merecedor, para que não me humilhassem com aquele estribilho: – “É criança, não sabe o que diz!” – mesmo quando eu dizia coisas acertadas.²⁰

Entretanto, o cunho afetivo que Ferreira de Castro atribui a essa emigração é parte da perspectiva ficcional do auto-relato, da reconstituição de si, pois o Brasil era o destino mais do que provável, à época, para rapazes portugueses como ele: pobres, moradores da área rural do país, sem perspectivas de trabalho, sonhando com a fortuna e fundamentalmente impulsionados por histórias bem sucedidas de outros conterrâneos que emigraram. Como demonstrou Eulália Maria Lahmeyer Lobo, em seu livro *Imigração Portuguesa no Brasil* (2001), no período de 1875 a 1890 emigraram para o Brasil cerca de 270.000 portugueses.

¹⁹ CASTRO. *Memórias*, op. cit., p.22.

²⁰ Idem. p.16.

Essa soma quase dobrou no período seguinte, que abrange de 1890 a 1906-1907, ultrapassando os 400.000²¹.

Se não houvesse a paixão pela ‘rapariga’, talvez a viagem fosse adiada por dois ou três anos. Para os portugueses, o Brasil era visto na época como um gigante Adamastor ao avesso, colorido de possibilidades para os pobres. Alípio Rocha Marcelino lembrou bem outra paixão do menino – o mar: “quem conhece Oliveira de Azeméis e vai até o Parque de N. S. de La Salette, pode avistar facilmente dali o azul das águas do oceano”²². O autor de *Ferreira de Castro e o Brasil* (1995) relata-nos que José Maria subia ao parque e lá ficava admirando o oceano, pensando nas pessoas desconhecidas que podia encontrar do outro lado do Atlântico. Sensação experimentada pela criança que espelha a história de um país que esteve sempre voltado para o mar.

Apesar do medo do desconhecido, o menino José Maria foi buscar forças em sua paixão por Margarida para enfrentar a peripécia ou destino comum de se lançar em outro continente.

Eduardo Lourenço, no livro *O Labirinto da Saudade* (1992), analisa essa questão do olhar português lançado para o oceano, que remonta aos primórdios da formação do Estado, como consequência de uma imagem de grandeza forjada para disfarçar a *pequenez* de Portugal como nação que surgia. Portanto, trata-se de uma grandeza ficcional criada desde o início da formação do Estado português que, paradoxalmente, sentia-se grande em relação ao Oriente e ao Ocidente, devido às suas conquistas territoriais; todavia, na Europa era menos percebida que as “celebrações sumptuosas ou fúnebres de querelas de família com que liquidava o feudalismo e gerava o mundo moderno (capitalismo, protestantismo, ciência)”²³. Para Lourenço, *Os Lusíadas*, poema de Luís de Camões, é o documento mais realista dessa época:

²¹ Cf. LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2001, p. 24.

²² MARCELINO, Alípio Rocha. *Ferreira de Castro e o Brasil*. São Paulo: Editora Ipê, 1995, p. 10.

²³ LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p.20.

Da nossa intrínseca e gloriosa ficção *Os Lusíadas* são a ficção. Da nossa sonâmbula e clássica grandeza de um dia de cinquenta anos, ferida e corroída pela morte próxima, o poema é o eco sumptuoso e triste, tão heroicamente triste ou tristemente heróico, simultaneamente sinfonia e *réquiem*? O livro singular é o lençol de púrpura dos nossos deuses (heróis) mortos. Mas à hora nona, o nosso cadáver era já daqueles que Nietzsche diria prometido a todas as ressurreições. O primeiro traumatismo fora superado por três séculos de pé no redemoinho peninsular e século e meio de equilíbrio sobre “o mar português”. Antes da noite o poema recolhe a nossa primeira e *eterna* figura que acaso, sem ele, houvesse perdido a chave e a vontade da ressurreição.²⁴

Indubitavelmente, já influenciados por esta qualidade “vocacional” de um “povo criador de povos”²⁵ — para usar as palavras de Lourenço —, muitos portugueses no final do século XIX e início do XX imaginavam o Brasil como um “monstro fabuloso”. Monstro pelo tamanho e exotismo, temível por ser distante e desconhecido. Fabuloso porque era deslumbrante aos olhos daqueles rapazes e homens que aspiravam a melhores condições de vida e a obtenção da fortuna através de seu trabalho. E como poderia ser diferente com Ferreira de Castro? Provavelmente, desde a mais tenra idade, ouvira pessoas elogiando o Brasil, onde era possível alcançar a riqueza se o homem fosse trabalhador e tivesse disposição.

Carlota Boto, em ensaio intitulado “O Brasil que Portugal escreveu: pedagogia e política sem comemorações”, ao analisar os manuais didáticos portugueses do final do século XIX, ressalta inscrições do Brasil no imaginário português e afirma que:

[A]s ideias de Brasil eram habitualmente combinadas com a profecia de um futuro radioso, de grande nação protagonizando o cenário mundial. Portugal era visto como pátria gloriosa e orgulhosa de seu passado, que construía a terra do futuro; e o Brasil era, até certo ponto, o consolo imaginado para ‘lavar a alma’ de sua mãe-pátria decadente.²⁶

Ferreira de Castro decerto teve acesso a esses manuais e, além disso, ao imaginário dos portugueses não-escolarizados que o rodeavam. Impregnado por

²⁴ Ibidem.

²⁵ Idem, p.127.

²⁶ BOTO, Carlota. “O Brasil que Portugal escreveu: pedagogia e política sem comemorações”. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 12, p.16-40, 2000, p.22.

essas versões, embarca, então, na terceira classe do vapor Jerôme para o Brasil, a sete de Janeiro de 1911, em busca de melhores condições de vida e da possibilidade de ganhar, pela bravura, o coração de Margarida. Tinha, apenas “12 anos, 7 meses e 14 dias de idade”²⁷.

Enfrentar uma longa viagem de navio era a única forma de se chegar ao Brasil naquela época. A travessia do Oceano Atlântico levava semanas, as condições de higiene e acomodação eram péssimas e propícias ao desenvolvimento de várias doenças. Esse foi o destino de muitos italianos, espanhóis, japoneses, e, principalmente, portugueses. Sobre os percalços do jovem Ferreira de Castro durante a viagem, Jaime Brasil escreveu:

As impressões da viagem do rapazinho de pouco mais de doze anos e meio e dos seus primeiros contactos com a terra brasileira é possível avaliá-las. O horror dessas babéis, que são as terceiras classes dos barcos de emigrantes, pede um novo Dante para o descrever, num outro Inferno. Lá se exprimem, em todas as línguas, todas as misérias...

... a comida, transportada em baldes, como lavagens para o gado, enoja os estômagos mais resistentes. É vômito imenso com relentos de suor recozido, que empesta tudo. A esses barcos só não cabe chamar de negreiros por serem brancos, ou quase, os vultos que transportam. São, porém, negreiros os que fretam e exportam essa carne de trabalho, emaciada e faminta...²⁸

No entanto, tais condições permitiram o contato do jovem português com o sofrimento dos conterrâneos que o acompanhavam e com pessoas de outras nacionalidades, que abandonavam suas pátrias com o ideal de fazer fortuna no gigante da América do Sul. Esse convívio com pessoas em condições de extrema pobreza influenciaria toda a sua obra. Segundo Afrânio Peixoto, em prefácio da edição de *A Selva*, “Ferreira de Castro é um Gorki transplantado na América”. O escritor russo Máximo Gorki exerceu uma série de profissões e “bicos” para sobreviver, passando por necessidades básicas, além de não ter concluído o ensino secundário. Em seus livros dedicou-se a retratar os excluídos. Assim, Ferreira de Castro pode ser considerado um ‘Gorki lusitano’, pois passou por situações semelhantes e deu igual destino a sua literatura.

²⁷ Palavras de Ferreira de Castro. In: *Memórias*, op. cit., p. 24.

²⁸ BRASIL, op. cit., p.24.

O escritor português cunhou o seu nome com as nuances de sua trajetória, levando a literatura portuguesa aos quatro cantos do mundo e tornando-se um dos escritores mais conhecidos entre os anos de 1930 a 1970, na medida em que trouxe para as suas obras questões que foram classificadas pela crítica da época como “universais”.

A questão dos intermediários que recrutavam mão-de-obra para trabalhar no Brasil e na América do Norte, tal qual ocorrera com o próprio Ferreira de Castro, foi muito bem explorada em seu romance *Emigrantes* (1928). Para muitos críticos, trata-se do primeiro romance da literatura ocidental que aborda à temática social da emigração com afinco. Como destaca Jaime Brasil: “Era a primeira vez no mundo que um escritor trazia à novelística o tema novo do homem despaisado e errante, saudoso da terra natal e receoso de voltar a ela por vergonha de ter falhado na sua determinação de vida nova.”²⁹. O crítico italiano A.R. Ferrarin afirma que *Emigrantes* é “O romance dos emigrantes, de todos os emigrantes”³⁰ pela sua ênfase no martírio dos que são obrigados a abandonar a terra natal.

A narrativa mostra, dentre muitas outras situações, a parceria entre três homens influentes do concelho de Oliveira de Azeméis – Evaristo Nunes, dono de uma agência de passagens; Carrazedas, capitalista que hipoteca as terras desses trabalhadores; e o diretor do jornal ‘O Liberal’, que publicava notícias falsas sobre a necessidade de trabalhadores do outro lado do Atlântico, viabilizando a exportação de mão-de-obra para o Brasil e a América do Norte. Enquanto isso, os três parceiros dividiam as terras dos camponeses entre si.

Manuel da Bouça, trabalhador rural, se deixa iludir pelo sonho da fortuna e termina por viver as piores situações no Brasil, retornando a Portugal na mesma situação em que saíra.

Ferreira de Castro registrou no Pórtico de *Emigrantes*, escrito em 1928, a sua intenção ao compor a narrativa:

²⁹ Idem, p.41.

³⁰ Revista *Augustea* de Roma. In: BRASIL, Jaime. Lisboa, 1961, p. 41, (Tradução nossa): “Il romanzo degli emigranti, di tutti gli emigranti”.

Biógrafos que somos das personagens que não têm lugar no Mundo, imprimimos neste livro desprezível história de homens que, sujeitos a todas as vicissitudes provenientes da sua própria condição, transitam de uma banda a outra dos oceanos, na mira de poderem também, um dia, saborear aqueles frutos de ouro que outros homens, muitas vezes sem esforço de maior, colhem às mãos cheias.³¹

Para Humberto de Campos, ao analisar o romance *Emigrantes* em crítica publicada na época do lançamento de sua segunda edição no Brasil, “o autor não afeia as situações, agravando a verdade com a imaginação. A sua Lealdade chega, mesmo, ao ponto de colocar em Portugal, nas aldeias e cidades do interior, o aparelho criminoso destinado a exportar o trabalhador rural, depois de o ter expoliado”³².

Eulália Maria Lahmeyer Lobo, em livro já citado, destaca o processo emigratório dos Portugueses para o Brasil, cujo auge ocorreu entre os anos de 1888 e 1930. Para isso, a autora volta a 1850 e faz um apanhado geral das mudanças, principalmente de ordem econômica, ocorridas em Portugal. Ela ressalta que a chegada do capitalismo no país recebe o incentivo do Estado para a mecanização do campo. O governo promove uma série de medidas para tornar mais fácil a evolução do novo sistema no meio rural, empobrecendo os camponeses e pequenos proprietários de terras.

Lobo aponta que o auge da emigração lusa coincide com as condições propícias do Brasil, tais como a abolição da escravatura e as novas medidas políticas da República, e de Portugal, como a crise agrícola no norte do país e a escassez de alimentos, agravada, ainda, pela fuga dos rapazes que não queriam prestar o serviço militar obrigatório e a lei de sucessões, que obrigou a uma recomposição familiar na divisão das terras³³. Além disso, havia a imagem fictícia do Brasil enraizada na população: “O Brasil era visto no imaginário popular como terra de abundância e oportunidades de enriquecimento, como transparece nas

³¹ CASTRO, Ferreira de. *Emigrantes*. Lisboa: Ed. Guimarães, 1980.

³² CAMPOS, Humberto. *Crítica*. São Paulo: Editora W. M. Jackson inc., v.1, 1951, p.239.

³³ Essa lei consistia, de um modo geral, em a família poder escolher um de seus membros para administrar as terras. Este era obrigado a pagar uma pensão aos pais e as “tornas” dos irmãos, que emigravam com o intuito de fazer poupança e voltar a adquirir pequenas propriedades na aldeia que deixaram para trás. Cf. LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2001, p. 16.

trovas populares. Geralmente, os imigrantes que não obtinham sucesso procuravam ocultar dos conterrâneos sua derrota”³⁴.

O Ultimato Inglês de 1890 deixa o povo ainda mais descontente com a administração do país. Dentre inúmeras exigências, a Inglaterra obriga o governo português a renunciar a faixa de terra entre Angola e Moçambique e a construir uma ferrovia que ligasse Lourenço Marques ao Transvaal. Com a aceitação das medidas impostas pelos britânicos, a dívida pública estoura o orçamento e Portugal torna-se ainda mais dependente das remessas de poupanças enviadas por emigrantes. Diante de tais condições, como destaca Eulália Lobo, o governo português não proíbe a emigração, limitando-se à “proteção” dos que embarcavam³⁵:

As autoridades portuguesas em face das contradições apontadas, que refletiam interesses contrários das forças econômicas e políticas do país, limitavam-se a propor a baixa do preço das passagens, que seria possível se os navios que levavam os emigrantes retornassem com carga, ganhando nos fretes; mais eficaz controle da higiene a bordo, dos contratos de trabalho e da emigração clandestina.³⁶

Eduardo Lourenço vê o *ultimatum* como o ápice da imagem antagônica que Portugal nutria para si e para o restante da Europa, pois “reduzia a nossa dimensão imaginária, de nação colonizadora, às suas proporções ínfimas. Nem na Europa nem fora dela éramos povo que contava e com quem era necessário contar”³⁷. Para o crítico, esse período foi doloroso para os portugueses, tornando evidente uma atitude pessimista em relação ao país, que se refletiu em várias obras literárias.

No romance *Emigrantes*, Ferreira de Castro buscava compreender a dimensão histórico-política que ocasionou a saída em massa de portugueses para o Brasil. Um contingente numeroso do qual ele próprio foi parte integrante. O autor

³⁴ Ibidem.

³⁵ Cf. Idem, p.18-19.

³⁶ Idem, p.20.

³⁷ LOURENÇO, Eduardo. “Portugal – Identidade e Imagem”. In: Nós e a Europa ou as duas razões. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994, p.20.

coloca em xeque o trabalho dos intermediários que atuavam nas pequenas aldeias portuguesas³⁸, e também a negligência do governo que, como demonstrou Eulália Lobo, lucrava com o processo.

Quando Ferreira de Castro veio para o Brasil, sua formação era ainda muito precária. Mal sabia ler e escrever, pois só havia tido contato com poucos livros escolares e alguns livretos da literatura de cordel que folheava nas feiras da sua terra natal. Devido à situação financeira difícil, só podia admirar os exemplares, raramente comprando alguns. Quando fez o exame das primeiras letras, ganhou o livro *Do Algarve ao Minho em Automóvel* de Eduardo Noronha³⁹.

É com essa formação, correspondente ao antigo primário no Brasil, que abandona seu país, familiares e amigos, tendo já em vista o sonho de se tornar escritor e poder publicar no jornal do concelho de Oliveira de Azeméis, o que de fato ocorreria mais adiante. Se a emigração de um menino de doze anos pode parecer atualmente inverossímil, naquela época era encarada com bastante naturalidade. Indivíduos com menos de quatorze anos constituíam uma boa parcela dos passageiros que embarcavam nos navios emigratórios⁴⁰. Entre 1904 e 1914, emigraram para o Brasil oficialmente 412.607 portugueses. Destes, cerca de 100.000 eram considerados crianças, ou seja, tinham menos de quatorze anos de idade⁴¹. Ferreira de Castro fez parte dessa massa humana de jovens trabalhadores.

Apesar da maioria dos emigrantes ir para o Rio de Janeiro, Distrito Federal no início do século XX, alguns iam para as outras regiões do país, principalmente as grandes cidades brasileiras, com o intuito de trabalhar no comércio varejista. Ferreira de Castro veio para o Brasil com a intenção de prestar serviços para um comerciante luso que o haviam recomendado. Ele, portanto, pensava em trabalhar no comércio da cidade de Belém. Entretanto, passaria apenas vinte oito dias com esse senhor. O comerciante, insatisfeito com as despesas que o rapaz lhe dava, arrumou um jeito de mandá-lo para o Seringal Paraíso, que ficava nas margens do

³⁸ *Emigrantes* foi publicado em 1928, portanto ainda dentro do período de auge da emigração.

³⁹ Cf. BRASIL, op. cit., p.28.

⁴⁰ Cf. KLEIN, S. Herbert. "A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil no fim do século XIX e no século XX". *Revista brasileira de estudos da população*. São Paulo, V. 6 n. 2, p.17-37. Jul/dez de 1989.

⁴¹ *Ibidem*.

rio Madeira, acordando com um capataz chamado Balbino, que recolhia mão-de-obra nos sertões do Maranhão e Ceará para o trabalho de extração da borracha⁴².

Recém-chegado a Belém, sem opções de trabalho e na ingenuidade de seus doze anos, Ferreira de Castro é impelido pelo comerciante a trabalhar no seringal. Tentando ludibriá-lo, o homem argumenta que muitos retornavam de lá ricos e que, para conseguir isso, era preciso apenas dedicação⁴³. Embarca, outra vez, na terceira classe, agora do navio “Justo Chermont”. O capataz Balbino e o barco terão os mesmos nomes no romance *A Selva*.

2.2 Adolescência em plena Floresta Amazônica

A viagem de Belém do Pará até o Seringal Paraíso levava aproximadamente quinze dias, dependendo das intempéries que pudessem ser encontradas pelo caminho. Havia uma parada obrigatória em Manaus, como também em outras cidades menores. Robério dos Santos Pereira Braga, em seu ensaio “O Amazonas ao tempo de Ferreira de Castro”, fez uma minuciosa descrição de Manaus, em 1911:

A capital amazonense ainda não chegara a 50 mil habitantes, mas possuía uma vida agitada nas lojas maçônicas, nas escolas, ginásios e no mundo literário, com uma imprensa instigante e partidária conforme as várias facções que se digladiavam em busca de mando, ao tempo de uma economia próspera. Levas de nordestinos, principalmente, continuavam a chegar. Eruditos e rudes. Uns indo para os seringais em busca de trabalho e riqueza e deparando-se com a fome e a miséria, padecendo no caminho, falecendo com a poronga na cabeça, de morte morrida e de morte tramada. Outros ativando a economia urbana e as relações sociais na cidade de Manaus alguns dos quais, pouco tempo depois, fariam erguer a primeira universidade brasileira.⁴⁴

Ferreira de Castro se deparou com essa Manaus apenas de passagem. No momento em que o Justo Chermont ancorou para abastecimento, os ocupantes da terceira classe que iriam para o seringal eram proibidos de descer, para que não

⁴²Cf. MARCELINO, op. cit., p. 15-21.

⁴³ Cf. BAZE, Abrahim. *Ferreira de Castro: Um Emigrante Português na Amazônia*. Oliveira de Azeméis: Edição Revista Portugal, 2001, p.21-22.

⁴⁴ BRAGA, Robério dos Santos Pereira. “O Amazonas ao tempo de Ferreira de Castro”. In. *Actas do Congresso Internacional dos 75 anos de A Selva*. Ossela, 2007, p.38.

fugissem. José Maria desobedece à ordem e vai à procura de emprego, requisitando ao comendador Joaquim Gonçalves de Araújo⁴⁵ algum trabalho, mas não alcança o seu intento. Castro reconstrói esse episódio no romance *A Selva*, quando Alberto vai oferecer seus serviços à empresa “J. B. DE ARAGÃO COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES”⁴⁶, pertencente ao comendador Aragão, português que se tornara “célebre em toda a Amazônia pela sua enorme fortuna”⁴⁷. Tal como o autor, Alberto também não consegue o emprego.

Eneida Maria de Souza, em seu ensaio “Crítica Genética e Crítica Biográfica”, destaca a imprescindibilidade de diferenciação entre os pólos reais e fictícios durante uma recomposição biográfica:

A preservação da liberdade poética da obra na reconstrução de perfis biográficos consiste no procedimento de mão dupla, ou seja, reunir o material poético ao biográfico, transformando a linguagem do cotidiano em ato literário. Ainda que determinada cena recriada na ficção remeta a um fato vivenciado pelo autor, é preciso distinguir entre a busca de provas e a confirmação de verdades atribuídas ao acontecimento, do modo como a situação foi metaforizada e deslocada pela ficção.⁴⁸

Na obra encontramos pistas sobre a busca de José Maria por um emprego na Manaus do início do século XX, como também a respeito do percurso fluvial do imigrante Ferreira de Castro pelas inúmeras descrições construídas em *A Selva*:

O “Justo Chermont” seguia entre duas margens – terra baixa, terra em formação, arrastada das cabeceiras e detida ali, partícula a partícula, ora a esconder-se na água, ora a expor ao sol a sua capa de lama, submissa à vontade das marés. Cobri-a densa vegetação, que se abraçava, que se prendia, formando muralha cerrada de troncos, ramos e folhas. Eram miríades de variedades, roubando-se mutuamente o caráter, confundindo-se, fraternizando numa luxúria vegetal⁴⁹.

O percurso fluvial descrito em *A Selva* traz também as contraditórias impressões do protagonista Alberto – português e monarquista –, proporcionando

⁴⁵ Cf. Idem, p.56.

⁴⁶ Cf. CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C.ª, 1960, p. 64-73.

⁴⁷ Ibidem, p.66.

⁴⁸ SOUZA, Eneida Maria. “Crítica Genética e Crítica Biográfica”. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.2, jun. 2009, p.3-4.

⁴⁹ Idem, p. 43.

ao leitor o contato com a imensidão amazônica. O ambiente é sempre maximizado em relação à Europa, como observamos na passagem a seguir:

O “Justo Chermont” ora enfiava pelos estreitos “paraná”, tão ocultos nas margens que o barco dir-se-ia entrar na própria floresta, ora despachava para o céu os rolos do seu fumo em pleno centro do rio. E, então, se os olhos se dirigiam para a frente, a saída tornava-se tão misteriosa como o fora a entrada – tudo selva, selva por toda a parte, fechando o horizonte na primeira curva do monstro líquido. As suas pequenas veias, que davam passagem a grandes transatlânticos e que na geografia européia figurariam como rios primordiais...⁵⁰

No entanto, quando se trata de ambientes urbanos, com os quais o personagem Alberto mantém um contato maior, tendo nascido em Lisboa, o movimento é contrário:

Alberto surpreendia-se ante a prodigalidade com que os homens do mando distribuíam categorias: qualquer daquelas cidades, embora simpáticas na sua modéstia, não igualava sequer uma vila da Europa. As ruas estavam forradas de capim e não era difícil contar, por maioria, as casas cobertas de folhas de palmeira. “Cidade, porquê? Erro grosseiro dos colonizadores portugueses ou simples valorização tributária, feita por políticos brasileiros? Chamando-se cidade àquilo, o que se devia chamar ao Rio de Janeiro?”⁵¹

Por meio dessas descrições, Ferreira de Castro indica a posição de Alberto. Um estrangeiro habituado ao ambiente urbano, anti-republicano, que via na centralização do poder monárquico a possibilidade de manter as regalias de uma classe acostumada a viver à sombra da nobreza. Desse modo, a narrativa nos apresenta a arrogância e ignorância do protagonista em sua postura eurocêntrica, não reconhecendo a possibilidade de haver outros parâmetros de cidade em latitudes diversas, dependentes da cultura e do desenvolvimento econômico-social do país ou da região.

A criação de um personagem com essa dimensão egocêntrica é essencial à economia narrativa, que constrói um indivíduo em transformação, amadurecendo pelo contato com as dificuldades da vida de seringueiro e a observação do sofrimento dos seus companheiros de trabalho no seringal e, além disso, da solidariedade desses sertanejos em meio a tanta pobreza e dificuldades causadas tanto pela natureza quanto pela exploração dos donos dos seringais. O papel de

⁵⁰ Idem, p. 53.

⁵¹ Idem, p.59.

Alberto na narrativa será melhor analisado no terceiro tópico do segundo capítulo, por enquanto, basta-nos esta aproximação porque queremos falar do seu criador.

As impressões do jovem José Maria podem ter sido parecidas, mas enquanto Alberto era de origem nobre, o menino era muito pobre; Alberto tem vinte e seis anos, José Maria doze; Alberto era estudante de Direito, José Maria contava apenas com o ensino primário. Com isso, se transportássemos os atributos da ficção para a vida do rapaz, denunciariam, apenas, a ingenuidade teimosa e inexperiente em tecer comparações acerca do seu país e dos outros. Porque no fim, “Ferreira de Castro fala de si ao mesmo tempo em que cria um personagem que é quase um antípoda do autor”⁵².

Sobrevivendo à longa viagem no “Justo Chermont” – naquele ano morreram 328 pessoas no percurso Belém/Manaus⁵³ – José Maria chega ao Seringal Paraíso, que ficava na margem esquerda do rio Madeira. Por ser muito jovem, foi empregado no armazém aviador da roça. O trabalho era mais leve, restrito à limpeza do armazém e do farol que guiava os barcos nas noites amazônicas, de modo que o menino tinha muito tempo livre para ler. Apesar de não ter muitas opções, lia tudo o que lhe vinha às mãos. Castro era inexperiente, mas já tinha a consciência de que a leitura em si não bastava para a sua formação de escritor, por isso, começou a se aventurar no exercício da escrita já nessa época.

Numa entrevista publicada no jornal *Folha do Norte*, do Pará, em agosto de 1957, o autor declarou que a sua inclinação para a escrita começou aos nove anos de idade, quando desejou publicar um trabalho num jornal de Oliveira de Azeméis:

Quando vinha com minha mãe ao mercado de Oliveira de Azeméis, passava uma meia porta e via lá uma máquina a trabalhar, a tirar o jornal; aquilo parecia-me uma obra de Deus e o meu sonho todo, tinha 9 anos, seria escrever umas coisas para aquele jornal, para a "Opinião". Se alguém podia ter feito a felicidade de uma criança, seria aquele jornal.⁵⁴

⁵² Cf. MADEIRA, Wander da Conceição. *A Selva: viagem de descobrimento*. Dissertação de Mestrado da USP. São Paulo, 2007, p. 25.

⁵³ BRAGA, op. cit., p.42.

⁵⁴ CASTRO, Ferreira. *Colóquio no Cinema Nun'Álvares, no Porto, em 6 de Fevereiro de 1960*.

Não demorou muito para que conseguisse publicar algo com o seu nome. Aos treze anos, enviou do Seringal Paraíso uma espécie de conto para um mensário do Rio Grande do Sul, que o publicou. Isso veio a servir de grande estímulo ao rapaz que, vendo seu trabalho ser reconhecido, passa a se dedicar à construção de sua primeira novela. Dessa forma, seu sonho ganhou asas, a princípio de Ícaro, derretidas no momento em que o empurraram para o meio da floresta, onde ficaria sem tempo para escrever durante três anos.

Ferreira de Castro, contudo, não imaginava que a vida no coração da mata iria fortalecê-lo de valores humanos e de um poder de observação que, canalizados futuramente, constituiriam o cerne das descrições daquela que é considerada a epopéia amazônica⁵⁵.

Com pouco mais de um ano de trabalho no armazém, Castro é encaminhado para trabalhar como seringueiro na trilha de Todos-os-Santos. Firmino, seringueiro mais experiente, torna-se responsável por ensinar as atividades ao imigrante. Essa trilha é a mesma percorrida por Alberto, o protagonista de *A Selva*, que trabalha ao lado de um seringueiro de mesmo nome. O adolescente José Maria via-se obrigado a enfrentar seus medos diante do monstro verde que lhe parecia a Amazônia, com seus animais selvagens e suas doenças. Além disso, havia a ameaça dos índios Parintintins, que matavam alguns trabalhadores levando suas cabeças para rituais, demonstrando aos seringueiros que não aceitavam a invasão de suas terras. Medo agravado pelos relatos de seringueiros que vinham ao armazém e narravam tais episódios. Contudo, é a partir desse momento que ele sentirá na pele o drama daqueles homens que viviam no meio do mato, no Alto Amazonas, e suas peripécias numa luta dupla: produzir borracha e manter a vida. Alípio Rocha Marcelino ressalta que, desde esse momento, começa a surgir no futuro escritor a sua vocação de intelectual, como aquele que deseja intervir em favor da justiça: “sentia impulsos de revolta ao verificar condições degradantes em que os companheiros de jornada viviam”⁵⁶.

⁵⁵ Cf. CAMPOS, Humberto de. “Um Romance Amazônico”. *Crítica*: Segunda Série. São Paulo: W. M. Jackson inc. editores, 1947, p.428.

⁵⁶ MARCELINO, op. cit., p.26.

Humberto de Campos, em ensaio intitulado *Um Romance Amazônico* (1951), ressalta o valor do homem na obra de Ferreira de Castro, que soube como ninguém recriar as relações de trabalho e evidenciar o martírio dos seringueiros:

Durante cinquenta anos, a peito descoberto, o homem bateu-se, sozinho, contra todas as forças da selva revoltada.

Êsses heróis não encontraram, todavia, o seu Homero, o seu historiador ou, sequer, o seu romancista. Assunto enorme, ignoram-no, ou não o compreenderam em toda a sua extensão, os nossos escritores. Que temos nós, efetivamente, nos domínios literários, sobre a ilíada amazônica? O bastante, apenas, para não dizermos que não temos nada: 130 páginas de impressões de Euclides da Cunha, em *À margem da História*; os contos d’*O Inferno Verde*, do Sr. Alberto Rangel; *O Paraoara*, do Sr. Rodolfo Teófilo; *Os desherdados*, de Carlos de Vasconcelos; *Na planície amazônica*, do Sr. Raimundo Morais; *A Amazônia misteriosa* e *A Amazônia que eu vi*, do Sr. Gastão Cruls; e trabalhos esparsos de escritores regionais, a que podem ser adicionados alguns poemets em que fixei as impressões da minha vida selvagem. Nenhum de nós escreveu, porém, a obra reclamada e necessária. O que interessa, na Amazônia, à literatura, é o homem, e, particularmente, o seringueiro e a sua tragédia.⁵⁷

Após relatar sua experiência como gerente de seringal, declara-se incapaz de escrever a obra que a Amazônia merecia, por lhe “haverem faltado a arte e o engenho para fixar os espetáculos de que [fora] testemunha”⁵⁸. O crítico reconhece o feito do escritor português: “Foi, assim, com essa autoridade, que li *A Selva*, romance amazônico do escritor português Sr. Ferreira de Castro; e é com ela ainda que, chegado ao fim do livro, posso exclamar: A Amazônia está aqui!”⁵⁹.

Os seringueiros do romance *A Selva* eram proibidos de levar suas mulheres consigo quando eram recrutados no sertão. Desta forma, os desejos sexuais aliados à escravidão tornavam a vida insuportável, despertando uma faceta animalizada nos homens. Nos seringais não havia mulheres, pois as que lá moravam já eram casadas, de modo que quando seus maridos morriam tornavam-se extremamente disputadas. Muitos seringueiros utilizavam as éguas para satisfação sexual.

⁵⁷ Campos, loc. cit.

⁵⁸ Idem, p.430.

⁵⁹ Idem, p.431.

Ferreira de Castro encontrava-se em plena adolescência, com seus hormônios provavelmente no ápice. Todavia, ele não revela detalhes de sua vida sexual. O que sabemos é que, nessa época, o jovem se apaixona mais uma vez, agora por uma indígena chamada Mundica. Observemos um trecho do prefácio da edição comemorativa de *A Selva*, publicada em 1955 e ilustrada por Cândido Portinari:

Eu tinha, então, dezesseis anos. E dos quatro que passara ali, não houve um só dia em que não desejasse evadir-me para a cidade, libertar-me da selva, tomar um barco e fugir, fugir de qualquer forma, mas fugir.

E agora que a aspiração se realizava, que a cadeia abria as suas portas, que os dementados ramos das árvores deixavam de se emaranhar sobre o meu destino, eu partia desejando ficar, porque dias antes, justamente quando fora despedir-me dos seus pais, lá nas profundidades da mata, à beira do Lago-Açu, havia-me apaixonado *pela única rapariga que existia*, como um brinde inverossímil, em toda a enorme extensão do seringal.⁶⁰

No dia 28 de outubro de 1914, Castro embarca no “Sapucaia”, depois de ser perdoado por seu patrão, Juca Tristão, que o libera do restante da dívida que o mantinha preso como os demais seringueiros. O imigrante “duma existência sonhadora e deserdada”⁶¹ conta-nos que deu adeus com um lenço branco sem receber qualquer retribuição. Ferreira de Castro partia rumo a Belém sem certeza alguma, mas com a esperança de tornar-se escritor e reconhecido.

2.3 Romance juvenil: Criminoso por ambição

Três anos antes de deixar o Seringal Paraíso, ainda com quatorze anos, Ferreira de Castro, enquanto trabalhava no armazém aviador da roça, ensaiara seus primeiros passos como romancista. Começava a escrever sua primeira novela, chamada *Criminoso por ambição* (1916), que terminou em 24 de abril de 1913. Trouxe-a na mala em sua viagem para Belém do Pará.

Uma novela escrita aos treze ou quatorze anos de idade decerto refletia as poucas experiências vividas, seja em Oliveira de Azeméis, seja no Brasil. Como conta-nos Alípio Rocha Marcelino: “uma obra despida de mérito literário

⁶⁰ Apud BRASIL, op. cit., p.257, grifo nosso.

⁶¹ Ibidem.

especial, ou melhor, uma narrativa ainda experimental. Mas o trabalho tinha como cenário Oliveira de Azeméis, a terra de sua meninice”⁶².

Apesar da simplicidade da narrativa, o fato é que esse romance, publicado em fascículos, possibilitou ao autor, além do treino, contatos nos meios jornalísticos paraenses que lhe abririam portas. Ferreira de Castro enviou os fascículos de sua novela para o jornal “A Opinião” de Oliveira de Azeméis, aquele em que, quando criança, desejara tanto escrever. O jornal publicou um artigo, exaltando o autor por ter escolhido a cidade como cenário, porém sem saber que o escritor era um conterrâneo⁶³. Marcelino destaca no livro outras características da novela:

Criminoso por Ambição, embora escrito por um menino, já se constituía num romance de amplo enredo, tendo por ação de seus personagens tanto a terra do escritor (o município de Oliveira de Azeméis), Macieira de Cambra, o *habitat* amazônico, como ainda a cidade de Manaus. Simão é o protagonista do romance, filho de Salgueiros, a aldeia onde nasceu o escritor. As demais personagens também são de lá, a exemplo de *Pinagra*, uma figura tradicional de alcoólatra naquela região, o qual costumava transportar freqüentemente malas do correio para Ossela, afora o professor Alfredo Francisco Portela, que lhe transmitiu conhecimentos apenas até a quarta classe.⁶⁴

Como observamos no relato, a narrativa é totalmente baseada nas experiências do lusitano, com nomes verídicos de sua infância invadindo as páginas da ficção. Como ressalta o próprio Ferreira de Castro: “*Criminoso por ambição* é talvez de todos os meus trabalhos o de mais complicada ação; tem imaginação a mais e literatura de menos e tudo com uma grande ingenuidade infantil”⁶⁵. Ele afirma que esse romance juvenil é “o irmão mais velho de *Emigrantes*”, pois ambos abordam o tema da emigração.

A publicação da novela não ocorreu de imediato. O jovem de dezesseis anos chegou ao Pará cheio de planos para a sua carreira, mas as dificuldades estavam apenas começando. Ele retorna à casa do comerciante que havia sido o responsável por sua passagem pelo Brasil, mas não encontra abrigo. O mesmo senhor que o despachara para o seringal com o irônico nome de Paraíso, pois mais se assemelhava a um grande inferno, não o queria em sua casa por causa das

⁶² MARCELINO, op. cit., p.23.

⁶³ Idem, p.38.

⁶⁴ Idem, p.39.

⁶⁵ CASTRO. Apud MARCELINO. Op. cit., p. 40.

despesas e tenta enviá-lo a outro seringal. Como Ferreira de Castro se recusou a retornar, viu-se desamparado na cidade de Belém, como relata:

Ao chegar a Belém do Pará, mais carregado de sonho literário do que o barco vinha de borracha, o homem que se dizia meu protector e se havia oposto a que eu saísse do Madeira, desejoso de não se preocupar mais comigo, quis enviarme de novo para um seringal. Eram todas as minhas aspirações que caíam, tão indefesas como os frutos ainda verdes que os garotos, perto dali, faziam tombar, à pedrada, das belas mangueiras que ornamentavam as praças de Belém. Decidi resistir, primeiro com a humildade que a minha mãe me recomendara antes de eu partir para o Brasil; logo, com as palavras sóbrias e dignas que a própria dureza da vida me ensinara, quando ele, da cabeceira da mesa onde almoçávamos, me gritou, todo vermelho de cólera, que não estava para me sustentar mais tempo. E, assim, de repente, me encontrei sem tecto e sem pão na cidade onde não conhecia praticamente ninguém.⁶⁶

Desprovido de um teto e buscando uma oportunidade para publicar o seu livro, precisou exercer “as mais ingratas profissões para subsistir: colava cartazes pelas paredes, dormia no chão numa barraca e teve de trabalhar num barco de cabotagem, dos que navegavam para o Oiapoque, entre o Brasil e a Guiana”⁶⁷.

Por fim, consegue trabalhar numa empresa tipográfica chamada ‘Guajarina’, de F. Lopes, que, no futuro, publicaria em fascículos a sua novela *Criminoso por ambição*. O frontispício da edição de 1916 exhibe o nome J. M. Ferreira de Castro⁶⁸.

2.4 Início da carreira jornalística no Pará

Como temos observado, o percurso de José Maria Ferreira de Castro foi marcado por muitas adversidades, o que poderia tê-lo feito desistir de sua carreira de escritor. No entanto, com essa ideia fixa, ia às horas vagas à Biblioteca de Belém, onde se dedicava à leitura, como revela em correspondência ao presidente da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis:

Ferreira de Castro
Rua Misericórdia, 68
Lisboa
29 Setembro 1973

⁶⁶ CASTRO. Apud BRASIL, loc. cit.

⁶⁷ Idem, p. 32.

⁶⁸ Cf. cópia do frontispício de *Criminoso por ambição*. In. Idem, p. 30.

Exmo Sr. Dr. Leopoldo Soares dos Reis, ilustre presidente da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis

Quando, na minha adolescência, eu tinha uma grande sede de cultura e nenhuns recursos materiais para adquirir livros, a Biblioteca Pública de Belém do Pará foi-me imensamente útil.⁶⁹

Nessa época, também trabalha para o periódico *A Cruzada*, publica artigos no *Jornal dos Novos* e funda, em 1917, com João Pinto Monteiro, o jornal *O Portugal*, dedicado à comunidade lusa do Pará. Neste último, obtém destaque escrevendo sobre os mais variados assuntos, de literatura a notícias relativas às colônias portuguesas no Brasil. Frequenta associações operárias, tornando-se orador em algumas delas e fazendo “propaganda dos generosos ideais de emancipação humana”⁷⁰. Dessa forma, ainda no Brasil, volta-se “à causa dos humildes depois de tomar conhecimento dos problemas das classes proletárias”⁷¹.

Os especialistas afirmam que, a partir dessa época, Castro torna-se um leitor apaixonado da obra de Émile Zola, a quem admirava como escritor e intelectual. Essa questão será aprofundada no segundo tópico do terceiro capítulo desta dissertação, intitulado *O intelectual e sua missão*. Por enquanto, destacamos o depoimento de Castro sobre Zola:

A obra de Zola exerceu no mundo uma influência muito maior do que a de qualquer outro romancista do século XIX [...] a literatura se renova graças ao seu sopro fecundo e revolucionário. Ele foi, para o romance da sua época, o que Picasso é, de certa maneira, para a pintura moderna⁷².

Além de Zola, há registros de sua familiaridade com as obras de Gorki, Marx, Nietzsche, Balzac, Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz, dentre outros. Desde então, passa a estabelecer a sua rede imaginária de amigos de forma ativa. Para Eneida Maria de Souza:

[A] relação de amizade implica a escolha de seus precursores pelo escritor, à maneira da fórmula consagrada por Borges, o que acarreta a formação de um círculo imaginário de amigos reunidos por interesses comuns, de parceiros

⁶⁹ Apud *Centenário do Nascimento de Ferreira de Castro*, edição de Pedro Calheiros, Aveiro, Câmara Municipal, 1998, p. 23.

⁷⁰ BRASIL, op. cit., p.34.

⁷¹ MARCELINO, op. cit., p.39.

⁷² CASTRO. Ferreira de. “Émile Zola”, *Vértice*, vol. XIII, nº 114, Coimbra, fevereiro de 1953, p.69-70.

que se unem pela produção de um vínculo nascido da região fantasmática da literatura. O contato literário entre escritores distanciados no tempo, e participantes da mesma confraria, fornece subsídios para que sejam feitas aproximações entre os seus textos, estabelecendo-se feixes de relações que independem de causas factuais mas que se explicam por semelhantes ou diferentes poéticas de vida e de arte.⁷³

A preferência por escritores como Zola e Gorki atesta o seu gosto por intelectuais engajados e escritores realistas ou naturalistas, com os quais dialogava para compor o seu próprio estilo. Isso nos oferece subsídios para compreendermos o papel de intelectual atuante que desempenhou por toda a vida e sua aproximação com o socialismo e o anarquismo⁷⁴. Ferreira de Castro foi leitor e “herdeiro” de Marx, Bakúnin, Proudhon e Kropótkin, dentre outros. Como ressalta Ricardo António Alves, há vários tipos de anarquismo: do mais violento (Ravachol) ao não-violento (Gandhi)⁷⁵. Ferreira de Castro desenvolveu uma concepção própria, sendo reconhecido como “a principal voz libertária da sua geração”⁷⁶:

[Tendo] idéias definidas a respeito dos fenômenos humanos e sociais, o romancista não as esconde nem transforma os seus livros em panfletos. Livre de sujeições religiosas ou políticas, ele nunca põe os seus trabalhos ao serviço de qualquer seita ou partido. Uma total independência marca o caráter do escritor e do homem.⁷⁷

O contato com esses ideais ocorreu ainda em Belém por meio dos livros, como também por sua participação em associações operárias, o que lhe propiciou formar uma rede de companheiros imaginários e reais. O ciclo de amizades efetivas possibilitou sua inserção na sociedade paraense e um público leitor ávido por suas crônicas, contos e novelas.

Desse modo, Ferreira de Castro torna-se conhecido no norte do país, a ponto de ser homenageado pela comunidade portuguesa de Manaus. Sua peça *O Rapto* é encenada no Teatro Bar Paraense e, em 1918, lança em folhetim seu romance *Rugas sociais*. Nesta obra, já percebemos a temática que o motivaria para o resto da vida. Esses trabalhos foram o “seu curso universitário. Aprendeu,

⁷³ SOUZA, op. cit., p.111.

⁷⁴ Cf. ALVES. *Anarquismo e Neo-Realismo – Ferreira de Castro nas Encruzilhadas do Século*. Lisboa: Âncora editora, 2002.

⁷⁵ Cf. ALVES. *A Selva como Expressão das Ideias libertárias de Ferreira de Castro*, 2005, p.88.

⁷⁶ Idem, p. 89.

⁷⁷ BRASIL apud ALVES, Ibidem.

então, a interdependência dos homens de todas as raças e compreendeu que só da organização deles dependia resolver os problemas que lhes eram próprios”⁷⁸.

Tanto *Criminoso por ambição* quanto *Rugas sociais*, dentre outras obras publicadas no período de 1921 a 1927, foram excluídas das obras completas do escritor por decisão própria. Em 1949, ele recusa a quantia de trezentos mil escudos, oferecida pelo editor com o intuito de publicá-las, achando que seria uma tentativa de explorar os seus leitores, visto que considerava as obras da fase inicial como simples experimentações sem grandes méritos literários. O fato de terem sido publicadas apenas uma vez torna essas obras raríssimas.

Em 1919 viaja pelo Brasil como enviado de *O Portugal*, conhecendo São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidades.

Tendo conquistado alguma fama e uma situação financeira estável no Brasil, Ferreira de Castro decide que é hora de voltar a Portugal. A saudade de sua terra, de sua família e o desejo de se tornar conhecido em seu país o animavam ao retorno. Contudo, não imaginava que o destino lhe reservava muitos gigantes Adamastores para serem combatidos antes que pudesse cunhar definitivamente o seu nome na História da Literatura portuguesa.

Assim, em 25 de agosto de 1919, embarca no vapor “Desna” rumo à sua terra natal. Se antes o “Sapucaia” fora do seringal a Belém carregado de sonhos literários, o navio que partia nesse momento em direção a Europa transbordava de esperança e lançava suas âncoras de incertezas.

⁷⁸ BRASIL, op.cit., p.34.